



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Luan Lucas A. Morais¹

Resenha de Bérout (2020). *O romance de Tristão*. Trad.: Jacyntho Lins Brandão. São Paulo: Editora 34.

“*Traduttore, traditore*”. O conhecido – e famigerado – aforismo acerca do laborioso processo de tradução muitas vezes denota uma certa incompreensão e até mesmo injustiça, por parte daqueles que se colocam no centro dos debates acerca da análise de uma obra ou autor traduzidos. Embora o esforço do tradutor em verter uma obra da língua original para seu próprio vernacular mereça, minimamente, um aceno solidário, este mesmo processo não deve isentar-se da crítica, do escrutínio e da reflexão acerca da qualidade de tal empreendimento. O sentido ou objetivo final de uma tradução deveria ser menos a réplica exata – e inalcançável – das palavras do texto original do que o sentido final da mensagem do autor presente naquelas palavras. Embora haja um esforço contínuo do tradutor em “obedecer”, “ser fiel” e “prestar contas” ao idioma original, ele mesmo sabe que o produto final de seu trabalho será, por si só, o seu *próprio* trabalho.

Reconhecendo esses limites, e ainda assim buscando uma objetividade crítica e dialética em sua empreitada, o tradutor pode almejar um produto que seja “fiel”, no sentido de conservar o cerne das reflexões, ideias, e até mesmo, a originalidade da obra em si. Felizmente, este é o caso da recente tradução do *Roman de Tristan* de Bérout realizada por Jacyntho Lins Brandão, responsável por versar à nossa língua as desventuras de um amor maldito, fatal, e por isso mesmo, perene, no imaginário e no cânone da literatura Ocidental.

Professor emérito de Língua e Literatura Grega na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e sócio fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), Brandão é também autor de obras como *A poética do hipocentauro: literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata* (Editora UFMG, 2001); *A invenção do romance* (Editora da UNB, 2005); *Em nome da (in)diferença: o mito grego e os apologistas cristãos do segundo século* (Editora da Unicamp, 2014), dentre outros. Experiente tradutor, foi responsável pelas traduções dos poemas babilônios *Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh* (Autêntica, 2017) e *Ao Kurnugu, terra sem retorno – descida de Ishtar ao mundo dos mortos* (Kotter Editorial, 2019).

Especialista em literatura clássica, e mais recentemente, interessado na produção literária do oriente próximo durante a Antiguidade, Brandão, enfim, retoma um olhar mais apurado em relação à literatura medieval, e especificamente a um gênero específico que

¹ Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF), membro do Grupo de Pesquisa Dimensões do Medievo (*Translatio Studii* – UFF) e do Grupo de Pesquisa em Cultura Escrita e Oralidade na Antiguidade e no Medievo (ARCHEA – UECE). E-mail: luanlucas7@hotmail.com.

irrompe no Ocidente medieval durante os séculos XI-XIII, o *roman*. Até então considerado por Brandão como um “mero intermediário entre o romance antigo e moderno” (Brandão, 2020: 50), o *roman* medieval nasceu como um gênero literário específico produzido em língua vulgar. Realocando-se em meio à aglutinação entre a oralidade e a escritura, o *roman* inclui de modo crítico, e segundo Paul Zumthor, inédito, o ouvinte “numa busca de sentido, uma investigação, certamente limitada pelas injunções simbólicas que pesavam sobre a cultura de então, irrealizável, no entanto, sem a intervenção do escrito.” (Zumthor, 2007: 12), além de incutir em sua estrutura uma determinada *autoridade* e *originalidade* advinda de seu próprio conteúdo.

Um estilo livre, contestador, metricamente bem planejado (os principais *romans* franceses foram escritos em versos dísticos octossilábicos), cuja relação autor-audiência teria sido minimamente pensada em termos de reprodução e recepção daquilo que se declamava em voz alta nos ambientes públicos, bem como do que se lia no recolhimento de uma *privanté* individual. Não por acaso, há autores que defendem que, ao menos no decorrer do século XII, o *roman* seria reconhecido mais enquanto prática literária, o *mettre en roman* [pôr em romance], do que como uma *forma* ou *gênero* específico (Nosrat, 2014: 49), que seria plenamente desenvolvido com o triunfo do vernacular, ao menos no caso francês, em finais do século XII e durante todo o XIII.

Partindo dessas reflexões, Brandão compõe no trato do material relacionado à lenda de Tristão e Isolda uma análise competente em seu ensaio introdutório à tradução. Dividindo os tópicos iniciais em *Pré-história; O ciclo de Tristão e Béroul*; o autor percorre desde os primeiros estudos críticos da lenda ainda no século XIX por eruditos francófonos, assim como aponta as referências e reminiscências insulares dos poemas, destacando os elementos pictos, galeses e bretões na composição do “núcleo espiritual” da lenda (Brandão, 2020: 11).

Embora valha-se de um bom material bibliográfico de apoio para analisar as raízes ancestrais da lenda², Brandão não inclui em sua discussão o substrato irlandês presente na composição narrativa dos poemas que chegaram até os dias atuais, cujo papel talvez seja central para o entendimento e análise da presença “celta” existente nos versos dos poemas franceses do século XII.³ Brandão, porém, apresenta um quadro bem delimitado do

² Em relação ao texto original, Brandão cotejou edições críticas do poema de Béroul em língua francesa e inglesa, embora na listagem de fontes ao final da edição, chama a atenção a ausência de edições francesas e inglesas relativamente recentes do poema de Béroul, a saber: *Tristan et Iseut – les poèmes français, la saga norroise* (Librairie Générale Française, 1989), editada por Philippe Walter e Daniel Lacroix; *Tristan et Yseut – les premières versions européennes* (Gallimard, 1995), organizada por Christiane Marchello-Nizia e *The Romance of Tristan by Beroul and Beroul II, 2 v.* (University of Toronto Press, 2015), de Barbara N. Sargent-Baur. Brandão tomou como base textual as edições de Norris J. Lacy, *Early French Tristan poems, 2 v.* (D. S. Brewer, 1998), que apesar de competente, perde em fôlego analítico para as supracitadas.

³ No início do século XX, cabe mencionar um trabalho de destaque na historiografia de língua inglesa sobre o conto. A historiadora germano-americana Gertrude Schoepperle (1882-1921) publica em 1913 seu *Tristan and Isolt: a study of the sources of the romance*, cujo foco de análise é elucidar as principais fontes e referências que deram origem e forma ao conto de Tristão e Isolda. Schoepperle foi uma das primeiras eruditas a apontar possíveis reminiscências celtas na origem do conto, baseando seu argumento em uma seleta documentação que remontava a antigos textos e manuscritos irlandeses medievais. Entretanto, na listagem das referências bibliográficas que amparam o estudo de Brandão sobre a chamada “pré-história” da lenda, não consta o trabalho de Schoepperle, nem outros estudos base sobre as

chamado *Ciclo de Tristão*, explicitando as origens das várias versões continentais da lenda, com destaque para as de Thomas d'Angleterre (c. 1170) e Béroul (c. 1160-1190), cujo poema foi escolhido para a tradução (Brandão, 2020: 13-14).⁴

Em relação ao debate em torno da figura de Béroul⁵ e a autoria do poema, Brandão apenas comenta que “É consenso entre os estudiosos que é de Béroul, pelo menos parte, o primeiro *roman* sobre os amores de Tristão e Isolda” (Brandão, 2020: 17), pontuando ainda que a obra do poeta anglo-normando, cujo manuscrito sobrevivente encontra-se em estado fragmentário⁶, “se refere a uma história (*estoire*) anterior, [...] essa *estoire* não necessariamente sendo um *roman*, embora não se deixe dúvidas de que se trata de um texto escrito” (Brandão, 2020: 17-18). Após breve explanação acerca das características históricas da lenda, Brandão volta-se para a análise estrutural, linguística e estética do poema de Béroul. É aqui onde se encontra a sensibilidade e a erudição do tradutor, que dão *voz e forma* à tradução do texto em francês arcaico para a língua de Camões.

Na metade final do ensaio introdutório, Brandão preocupa-se em delimitar os aspectos narrativos, temáticos e estruturais do poema (*Romances; Adultério; Temporalidades; Tradução*), sob uma leitura crítica, expondo os aspectos contraditórios e as estratégias narrativas de Béroul para desviar ou chamar a atenção do *ouvinte/leitor* de seu poema aos temas por ele levantados, assim como uma bela reflexão acerca da figura de linguagem *silepse*, que nas palavras do autor, constitui uma das chaves analíticas para se interpretar e saborear melhor os complexos, irônicos e divertidos versos de Béroul:

[...] Seu recurso principal é o dizer não dizendo, ou seja, trata-se de uma figura de omissão que rompe as fronteiras entre a parte e o todo, a espécie e o gênero, a matéria e o objeto, o singular e o plural, o determinado e o indeterminado, o concreto e o abstrato, o nome próprio e o comum – e, fazendo isso, para usar a

contribuições e o papel da literatura e da cultura irlandesas na composição dos poemas nos séculos XII-XIII. Trabalhos como *The Celtic connections of the Tristan story* (1986), de W. Ann Trindade; *Tristan: The Celtic and Oriental Material Re-examined* (2002), de W. J. Mccann; *French in medieval Ireland, Ireland in medieval French – the paradox of the two worlds* (2017), de Keith Busby e *Arthur in Celtic languages* (2019), editado por Ceridwen Lloyd-Morgan e Erich Poppe, também poderiam estar nas referências finais mobilizadas por Brandão.

⁴ Além de Béroul e Thomas, outras versões da lenda foram compostas entre os séculos XII-XVI, com narrativas produzidas em prosa e em verso escritos em alto-alemão médio, francês antigo, nórdico antigo, castelhano, galego-português, holandês e inglês-médio. Brandão menciona, equivocadamente, uma versão “sueca” da lenda, a *Tristrams saga ok Ísöndar* [Saga de Tristão e Isolda], que na verdade resultou de uma tradução para o nórdico antigo, especificamente, a variação norueguesa, do poema de Thomas pelo Irmão Roberto a pedido do Rei Haakon IV da Noruega (1204-1263).

⁵ Não há nenhuma informação biográfica relevante sobre a vida Béroul, embora historiadores, filólogos e críticos literários situem sua época de produção na segunda metade do século XII, de acordo com os traços linguísticos e as interpolações existentes em seu poema. Tais características configuram um profícuo debate acerca do reconhecimento de Béroul como único autor dos versos sobreviventes, com argumentos orbitando em torno de uma hipótese de dupla autoria por parte de Béroul e um continuador/interpolador anônimo e a autoria solo do poeta normando que foi corrigindo o texto original ao longo da segunda metade do século XII.

⁶ Contendo 4.485 versos, o MS B.N. fr. 2171 (segunda metade do século XIII) encontra-se na Biblioteca Nacional da França.

bela e concisa definição de Mattoso Câmara Jr., tem como consequência provocar uma “concordância *inesperada*”. Essa concordância inesperada é o que parece estar de fato em jogo em Bérout, em todos os sentidos da expressão. (Brandão, 2020: 25, grifo do autor).

Isso é retomado e exemplificado por Brandão nos episódios em que Isolda profere um conjunto de palavras dúbias, primeiro no encontro às escondidas com Tristão sob a vigília oculta do rei (vv. 16-25), depois em seu julgamento perante à corte real (vv. 4197-4217), ambos momentos cujas palavras servem de alento ao amante – Tristão – e prova de seu amor, bem como de defesa à sua honra e dignidade enquanto rainha, legitimando – importante frisar devido ao contexto feudal – uma *ilegitimidade* aos olhos dos homens e de Deus, pois como Brandão pontua “não se trata de avaliá-las em termos de verdade ou mentira, mas dos efeitos que se buscam. Nem lógica nem dialética, portanto, mas retórica.” (Brandão, 2020: 23). Sobre a estrutura da tradução e as particularidades de se traduzir um *roman* medieval do século XII respeitando as estruturas métricas e narrativas do mesmo, Brandão define que seu esforço partiu de uma abordagem “mimética”:

[...] com isso quero dizer que, não sendo literal, também não envereda pelos caminhos da transcrição. O mimetismo que acredito que a marque está em seguir, verso a verso, o texto francês, conservando algo de sua forma – dísticos rimados de versos de oito sílabas – e, como em Bérout nem sempre o acento na quarta sílaba é respeitado, as rimas sendo algumas vezes imperfeitas, na tradução também pequenas imperfeições formais são praticadas. (Brandão, 2020: 47)⁷

Talvez o maior desafio de Brandão tenha sido traduzir para o verso o texto original, empreendimento evitado pela maior parte das edições críticas e traduções do poema de Bérout em língua estrangeira. Comumente, a opção pela prosa é justificada em virtude de uma melhor aproximação e combinação da sintaxe e das nuances do francês arcaico como a prosa moderna, de modo a evitar “acrobacias estilísticas” arbitrárias em torno do verso octossilábico (Walter, 1989: 10) ou então deixar ao leitor a tarefa de julgar as aproximações e adaptações realizadas de modo a produzir um texto ao mesmo tempo autônomo e fiel em relação ao original (Marchello-Nizia, 1995: LVI). Desse modo, o trabalho de Brandão em persistir e concluir uma tradução para o português do poema de Bérout é de suma importância para os estudos históricos e literários medievais brasileiros.⁸

⁷ Esta proposição torna-se clara quando da leitura de passagens do poema cuja a quantidade de versos do texto em francês arcaico destoam da tradução versificada para o português. Em uma das duas manifestações nominais de Bérout no texto, observa-se tal fenômeno: “Nunca houve dois que assim sofreram, / Nem – como, pois, na história é dito, / Onde Berox o viu escrito – / Ninguém assim tanto se amou / Nem, sofredor, tanto pagou.”. O texto original diz: « Ne, si comme l'estoire dit, / La ou Berox le vit escrit, / Nule gent tant ne s'entrainerent / Ne si griment nu conpererent. » (Bérout, 2020: 162-163, vv. 1789-1792), ou seja, em 4 versos, enquanto a tradução comporta 5.

⁸ Ainda mais observando que em nosso País as únicas traduções para o português acerca do conto de Tristão e Isolda são a versão compilada e adaptada por Joseph Bédier a partir dos fragmentos sobreviventes, e publicada sob o nome *O romance de Tristão e Isolda* (Martins Fontes, 2012) e uma outra intitulada *Tristão e Isolda – lenda medieval celta de amor* (Martin Claret, 2009), traduzida por um desconhecido – e não localizável – Fernandel de Abrantes, baseada nas versões de Bérout, Thomas, Gottfried von Strassburg e nos estudos de J. Bértier (provavelmente Bédier, grafado de maneira

Traduzido de maneira inédita e diretamente do francês arcaico, em uma edição bilíngue, a obra de Bérroul ganha nas palavras de Jacyntho Lins Brandão uma nova vivacidade, permitindo que o leitor, especializado ou não, possa contemplar e cotejar o texto original com uma tradução segura para o português, ainda que alguns aspectos específicos ligados à estrutura léxica e textual de um *roman* medieval não tenham sido explorados por Brandão, como no caso de passagens do *roman* acerca da vida cotidiana e aristocrática no século XII (vv. 3653-3655; vv. 3974-3978; vv. 4031-4032). Ausências explicadas, provavelmente, por uma não-familiaridade do tradutor em relação aos estudos medievais e sua relação com a literatura do período. Semelhante ao que Bédier fez em sua versão, Brandão optou por dividir o texto em “episódios”, muito bem delimitados pela própria estrutura do *roman* medieval, cuja sucessão de fatos, geralmente, obedecia a uma linha narrativa e episódica para não cansar o público-alvo com longas declamações ou leituras. Brandão é também bastante honesto em relação às convenções adotadas por ele em relação ao texto original, sobretudo aquilo referente à nomenclatura das personagens e da toponímia, o que talvez explique, pelo motivo supracitado, a ausência de notas explicativas no decorrer do texto em português, fato comum em outras obras traduzidas pelo autor (Brandão, 2020: 47-49).

O texto de Bérroul pertence à segunda metade do século XII, cenário ideal para a divulgação dos pressupostos de uma cultura cortês que teve na França seu principal foco de desenvolvimento. O “amor” na literatura cortesã francesa surgiu como fruto das experiências sociais e políticas derivadas diretamente das práticas exercidas por seus idealizadores: a nobreza feudal. A construção do *fin amour*, do trato cortês e suas mais variadas manifestações literárias fizeram-se presentes no contexto de autoafirmação de uma nobreza ascendente e de uma preocupação com a divulgação dos ideais de conduta desse grupo social. Realidades e objetos históricos frutos de seu contexto natural, tudo foi colocado à prova nas mais diversas estilizações e representações sobre os sexos nas obras romanescas a partir da segunda metade do século XII. Foi dentro deste panorama que Bérroul compôs sua obra. Seguindo as estruturas históricas de sua época, o autor elaborou seu poema de acordo com as necessidades mencionadas acerca do caráter oral de transmissão e assimilação da narrativa, bem como na incorporação dos elementos contextuais que aludiam ao comportamento nobiliárquico e o *ethos* social desse estrato.

Logo, torna-se imperativo que o trabalho de Brandão lance as bases da compreensão de tal contexto histórico por intermédio de uma tradução “fiel” – no sentido de conservar aquilo que tornou o texto de Bérroul tão intrigante, sua *ambiguidade* – do *roman* de Tristão, permitindo ao público uma incursão pelas cortes, jardins, pátios, liças e florestas medievais seguindo o rastro de uma paixão imortal, louca, impulsiva, mas, acima de tudo, daqueles cujo “amor ali não se fingia” (Bérroul, 2020: 164-165, v. 1822).⁹

incorreta). Ambas traduções em prosa, sendo que a segunda carece de confiabilidade verificável devido ao seu suposto tradutor.

⁹ « Lor amistié ne fu pas fainte. »

Referências

Brandão, J. L. (2020). Introdução. In: Bérroul. *O romance de Tristão* (p. 7-51). São Paulo: Editora 34.

Marchello-Nizia, C. (1995). Note sur la présente édition. In : _____. (ed.). *Tristan et Yseut – les premières versions européennes* (p. LI-LX). Paris : Gallimard.

Nosrat, S. (2014). *Origins indo-européennes de deux romans médiévaux : Tristan et Iseut et Wis et Râmin*. Paris : L'Harmattan.

Walter, P. (1989). Préface. In : _____. ; Lacroix, Daniel (ed.). *Tristan et Iseut – les poèmes français, la saga norroise* (p. 7-17). Paris : Librairie Générale Française.

Zumthor, P. (2007). *Performance, recepção e leitura*. São Paulo: Cosac Naify.

Recebido: 12 de agosto de 2020
Aprovado: 23 de setembro de 2021